

DOSSIÊ

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS: tradições em movimento

José Maria da Silva

Doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília e Professor Associado da Universidade Federal do Amapá.

Lara Amorim

Professora da UFPB/Litoral Norte e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia PPGA/UFPB.

A *Áltera* Revista de Antropologia tem a satisfação de publicar o n. 3, apresentando ao público leitor o dossiê **Manifestações culturais: tradições em movimento**. Os artigos publicados neste número foram apresentados na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia (29ª RBA), realizada no período de 03 a 06 de agosto de 2014, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Os trabalhos apresentados refletem a diversidade da investigação etnográfica sobre manifestações culturais populares no país, demonstrando o vigor da pesquisa antropológica em sete diferentes estados brasileiros, levada a efeito sobretudo nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia. Além da diversidade das pesquisas, há que se ressaltar neste dossiê o amplo escopo da reflexão sobre manifestações e performances culturais, nas quais se dá relevo à ideia de movimento ou dinâmica das tradições, aspecto que fundamentou a proposta do Grupo de Trabalho e deste número da revista. Neste sentido, de um modo geral, os estudos indicam uma ampliação dos espaços de atuação das manifestações culturais em nossa sociedade, apontando para uma espetacularização das tradições ou mesmo para a “invenção” de tradições. Assim, a ampliação de atuação dos atores e dos fenômenos culturais, bem como os movimentos implícitos de renovação e mudança, se apresentam ora de forma consensual (ainda que o consenso seja provisório), ora de maneira conflitiva. O certo é que as manifestações culturais constituem suas próprias formas de renovação e

atualização de tradições, em diálogo com diversos setores da sociedade moderna, cada vez mais complexa. Setores como turismo, políticas públicas e gestão pública da cultura, mídia e Igreja, por exemplo, atuam como catalizadores de mudanças, sem que, no entanto, performances e tradições culturais deixem de atualizar sentidos e significados que são próprios de um universo sagrado ou religioso, ou mesmo tradicional.

As pesquisas que apresentamos neste número abordam tanto fenômenos e manifestações culturais de cunho religioso e tradicional como performances e eventos culturais profanos, ligados ao esporte, à mobilização social e política, à dança e à música, como é o caso do carnaval. Embora alguns não sejam fenômenos propriamente religiosos, incorporam e constituem trânsitos com elementos rituais e religiosos e, por conseguinte, formulam uma estrutura simbólica e performática que rejeita a velha dualidade sagrado *versus* profano. Nesta direção, a oposição entre tradição e modernidade, ou entre rural e urbano também se dilui, demonstrando que na sociedade brasileira contemporânea aqui representada, a tensão entre estes pares antes interpretados como duais e opostos, agora se apresenta de forma multifacetada e fluida, atualizada e ressignificada, manifestando-se em formas culturais cada vez mais plásticas e híbridas.

No artigo “Ekodidé no sambódromo: segredo ritual, candomblé e espaço público no carnaval paulistano”, Patrício Carneiro Araújo faz uma análise sobre a apresentação de elementos do candomblé pela escola de samba Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio, no carnaval de 2014, e os conflitos gerados com os adeptos do candomblé. Segundo o autor, ao explorar no sambódromo ícones, símbolos e valores do candomblé, a escola de samba expôs para a esfera pública aspectos sagrados dessa religião. Lançando mão de dualidades – dentro e fora, sagrado e profano –, Patrício Araújo analisou tanto a exposição simbólica e estética dos orixás no sambódromo quanto as manifestações pela internet por parte das lideranças religiosas. Concluiu que a escola de samba ignorou as fronteiras que separam a religiosidade do carnaval, ou seja, aquilo que constitui o “segredo ritual” do candomblé e que deve ser mantido reservado aos terreiros.

Carnaval e religião são aspectos também abordados no artigo “Notas etnográficas sobre religiosidades populares circulares no Maracatu de Baque Solto Cruzeiro do Forte, Recife/PE”, de José Roberto Feitosa de Sena. Utilizando o conceito de hibridismo e circularidade entre cultura popular e formas religiosas, o autor examina como elementos da umbanda, jurema, candomblé e do catolicismo popular estão presentes na construção de personagens para apresentações públicas do Maracatu Cruzeiro do Sul. Além dos aspectos

simbólicos, José Roberto Sena destaca a imersão de participantes em religiosidades afro, assim como a evocação de entidades antes das apresentações. Neste sentido, o carnaval do Maracatu não se efetiva sem a presença de representações simbólicas e ações próprias das religiões às quais se remetem os brincantes.

Ainda no contexto de performances carnavalescas, Valéria Alves de Souza em “Narrativas Etnográficas sobre raça, gênero, cultura e política no Bloco Afro Ilú Obá De Min”, nos apresenta as maneiras pelas quais componentes do bloco, ao planejarem e organizarem uma “saída de carnaval” na cidade de São Paulo, operacionalizam os marcadores sociais da diferença de raça e gênero e estabelecem um diálogo com políticas culturais e discursos sobre identidade negra. O bloco é formado por mais de 30 percussionistas, cantoras e bailarinas, todas mulheres – e, em 2010, o Ilú Obá De Min se tornou o “Ponto de Cultura Ilú Oná: Caminhos do Tambor”. A autora enfatiza a importância do Programa Cultura Viva, que instituiu os Pontos de Cultura no país e, ao fazê-lo, define cultura como “artefato das políticas públicas, com demarcações próprias e operativas”. Refere-se aos processos de transformação ocorridos no bloco, como este se reestrutura a partir da política cultural e como as coordenadoras do bloco articulam arte e burocracia. E, tomando emprestado categorias analíticas de Manuela C. da Cunha, a autora conclui que o bloco aciona o resgate da cultura e do sentimento de pertença racial como recurso para afirmar sua identidade no momento de pleitear políticas culturais.

Em seu artigo, intitulado “Irmandades Negras e as traduções das práticas congadeiras em tempos de vivificação da ideia de cultura”, Renata Nogueira da Silva nos apresenta uma análise sobre como a tradição da congada é vivificada na educação, articulando tradição e políticas públicas. Segundo a autora, o tempo da escravidão e do cativo, assim como dos pioneiros da Congada, é um elemento significativo para que Irmandades se apresentem no presente com a força da memória dos africanos no Brasil e do conjunto da cultura afro-brasileira. Renata Nogueira demonstra em sua etnografia como o peso dessa tradição torna-se instrumento importante no diálogo com o Estado, visando à implementação da Lei 10.639/2003 e de políticas de cidadania nas escolas em Ituiutaba (MG). Todo esse contexto se dá, segundo a autora, através da tradução das práticas congadeiras ativadas em projetos sociais.

Religiosidade também é o tema do artigo “Agitação e placidez: os muitos movimentos do jarê contemporâneo”, de Gabriel Bannagia. O autor nos apresenta uma etnografia sobre o jarê, uma manifestação religiosa de matriz africana que, segundo ele, é

praticada somente na Chapada Diamantina, no estado da Bahia. Gabriel Bannagia relaciona a história do passado ao tempo presente, seja quando trata dos processos de povoamento e desenvolvimento do município de Lençóis, local de sua pesquisa, seja quando descreve a formação do jarê. Segundo ele, esse culto tem origem com a chegada das “nagôs” na região, no período da escravidão, e possui similaridades com o candomblé. O autor nos mostra ainda que o jarê de Lençóis e de municípios próximos é um ritual complexo e que a festa, normalmente realizada nos terreiros ou nas casas de líderes religiosos, é o momento mais importante. Para a realização da festa, mobiliza-se toda uma “comunidade religiosa”, em diversas atividades, visando receber as entidades ou espíritos para serem reverenciados.

Ao ressaltar o caráter performativo de batuques festivos de comunidades quilombolas do norte do estado de Minas Gerais, o artigo “Tambores da Afirmação: negritude e resistência no batuque dos negros do norte de Minas” de João Batista de Almeida Costa define estas manifestações performáticas como “atos de reafirmação da negritude e instrumentos de luta política articulada pelas comunidades negras na validação de seus territórios ancestrais e no combate às permanentes ações de exclusão e discriminação que se lhes impõe pela sociedade e o Estado brasileiro”. O autor realizou pesquisa etnográfica sobre as rodas de batuque entre as comunidades quilombolas Brejo dos Crioulos, Buriti do Meio e Lapinha. Apoiado nas perspectivas teóricas de Peirano e Tambiah, entende que, ao serem reelaboradas a partir de experiências tradicionais, as rodas de batuque tornaram-se ritos sociais capazes de enunciarem posições de defesa de direitos constitucionais; são, portanto, atos performativos que reforçam o caráter étnico racial de comunidades remanescentes de quilombos. Assim, a tradicional dança de terreiro, antes um rito privado coletivo, ganha significados políticos e de resistência cultural, ao se manifestar como performance pública reivindicatória de direitos étnico-raciais.

O artigo “Etnografando um CTG (Centro de Tradições Gaúchas) na região de Curitiba: processos de fabricação e espetacularização das tradições”, de Gabriela Liedtke Becker, traz uma importante contribuição para a discussão de como tradições são negociadas e ressignificadas, e se apresentam, no presente, como espetáculos. Em sua etnografia, a autora mostra como o movimento das tradições gaúchas ganhou versões em diversos estados brasileiros e as transformações por que passou para se atualizar como espetáculo, com base na competição. Os concursos de danças, segundo Gabriela Becker, tornaram-se grandes eventos de arte e tradição, onde se destacam a abordagem de temas históricos e os trajes de época. Um bom espetáculo, segundo ela, deve aliar tradicionalismo com inovação – quanto

mais inovador melhor avaliado pelo público. O artigo de Gabriela Becker nos possibilita refletir não apenas sobre o processo de espetacularização de tradições, mas também como o tradicionalismo gaúcho se reinventou para se adequar aos novos tempos e constituir novas formas e possibilidades de identidade local e regional.

Em “O Festival de Música Primeiro de Maio: experiência musical e política de uma Comunidade Eclesial de Base no Rio de Janeiro”, a autora Sigrid Hoppe analisa o surgimento do Festival de Música Primeiro de Maio. Resultado da mobilização política da Comunidade Eclesial de Base (CEB) Padre Josimo Tavares na favela de Shangri-lá, no Rio de Janeiro, o festival é descrito pela autora como uma “tradição inventada”, nos termos de Hobsbawm. O evento também é abordado no artigo como um rito social urbano e litúrgico capaz de promover coesão social entre trabalhadores e militantes políticos de movimentos sociais urbanos e reatualizar valores e ideais políticos ao adquirir, ao longo de sua manifestação, um significado capaz de agregar populações de zonas periféricas em torno de ideais de reivindicação de direitos sociais e políticos.

Fechando o Dossiê, o artigo de Lara Amorim, “Tradições Ressignificadas, modernidade e cultura popular em Brasília”, reflete sobre a cultura tradicional dos mestres populares em Brasília, a partir da tensão entre o ideal de modernidade que define o projeto original da capital e as tradições populares que constituem a identidade de mestres que representam a cultura popular e tradicional em Brasília. Argumenta que não é no espaço físico original do Plano Piloto, patrimônio modernista tombado pela Unesco, que se encontram a maioria das festas tradicionais que sobreviveram ao projeto desenvolvimentista que construiu Brasília, e sim no espaço periférico do DF que várias destas manifestações tradicionais perduraram e hoje se atualizam. A autora apresenta sua pesquisa etnográfica sobre a Folia do Divino em Formosa (GO) e as entrevistas realizadas em 2011 com mestres e artistas populares brasileiros como Seu Teodoro do Boi, Chico Simões do *Mamulengo Presepada* e Tico do Maracatu do *Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro*, demonstrando que a diversidade cultural que define hoje Brasília, revela a força da cultura regional dos migrantes que se mudaram para a jovem cidade durante sua construção e após a sua inauguração.

Assim, em meio a esta diversidade de temas e pesquisas etnográficas sobre tradições culturais em movimento, convidamos o leitor a se deixar levar pela curiosidade que pode suscitar a investigação antropológica de entrecruzamento e interseções entre diferentes manifestações religiosas afro-brasileiras, folias e impérios do Divino, blocos de carnaval e escolas de samba, mobilizações políticas e culturais, políticas públicas como Pontos de

Cultura, um CEB e um CTG. Apontando, portanto, para uma disputa cada vez mais acirrada dos signos que definem a cultura popular e que articulam identidades culturais na sociedade brasileira. Boa leitura!